



[Atribuição BB CY 4.0](#)

*O abandono social e familiar das crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social na obra *Capitães da Areia**

Marcelo Queiroz Oliveira Júnior¹

Resumo

O livro *Capitães da Areia*, do escritor baiano Jorge Amado, publicado em 1937, narra a vida de crianças e adolescentes em situação de rua na cidade de Salvador – BA/Brasil, na década de 1930, os quais têm seus direitos fundamentais violados. Todavia, o descumprimento das garantias das crianças e adolescentes, atualmente instituídos na Constituição Federal Brasileira, promulgada em 1988, e na Lei n. 8.069/1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, promulgada em 1990, é uma realidade que perpassa o campo literário. Ante o exposto, o presente artigo tem como objetivo geral discutir a violação dos direitos fundamentais das crianças e dos adolescentes em situação de vulnerabilidade socioeconômica na contemporaneidade, a partir do referido romance amadiano, dando ênfase: à falta de representação da figura materna, à invisibilidade dos infantes em situação de rua e/ou pobreza e à escassez de perspectiva das crianças e adolescentes que têm seus direitos violados.

¹ Licenciado em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *Campus Jequié*. Mestrando em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela UESB, *Campus Vitória da Conquista*. Professor de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Ensino do Estado da Bahia. E-mail: marceloqueirozoliveirajunior@gmail.com

Palavras-chave

Capitães da Areia; Direito e Literatura; Literatura Comparada.

Recebido em: 26/03/2024
Aprovado em: 22/07/2024

The social and Family abandonment of children and adolescents in situations of social vulnerability in the work Captains of the Sands

Abstract

The book *Captains of the Sands*, written by Jorge Amado, published in 1937, relates the lives of homeless children and adolescents in the city of Salvador, Bahia, Brazil, during the 1930s, whose fundamental rights are violated. However, the non-compliance with the guarantees for children and adolescents, currently established in the Brazilian Federal Constitution, enacted in 1988, and in Law No. 8,069/1990 - Child and Adolescent's Statute (ECA), enacted in 1990, is a reality that transcends the literary field. Given the above, the general objective of this article is to discuss the violation of the fundamental children and adolescents' rights in situations of socio-economic vulnerability in contemporary times, based on the Jorge Amado's novel, emphasizing: the lack of representation of the maternal figure, the invisibility of children in situations of homelessness and/or poverty, and the lack of prospects for children and adolescents whose rights are violated.

Keywords

Captains of the Sands; Law and Literature; Comparative literature.

Palavras Iniciais

A lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), assegura a todas as crianças e adolescentes, independente de raça, crença e classe, o direito de crescer em um ambiente seguro e protegido, gozando dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana.

Entretanto, no contexto brasileiro, essas garantias são, muitas vezes, descumpridas. Nessa perspectiva, a literatura torna-se, na sociedade, um viés para a compreensão da realidade, uma vez que possibilita que todos vivam dialeticamente, isto é, os indivíduos, através das obras literárias, criam uma interação entre eles e as problemáticas sociais, causando assim um encontro entre a ficção e a vida real.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo geral discutir a violação dos direitos fundamentais das crianças e dos adolescentes em situação de vulnerabilidade socioeconômica na contemporaneidade, a partir do livro *Capitães da Areia*, do escritor baiano Jorge Amado, publicado pela primeira vez em 1937, dando ênfase: à falta de representação da figura materna, à invisibilidade dos infantes em situação de rua e/ou pobreza e à escassez de perspectiva das crianças e adolescentes que têm seus direitos violados.

Para atingir o objetivo traçado, o presente texto é dividido em cinco partes, contando com essas palavras iniciais. Na segunda parte, apresenta-se uma síntese da obra *Capitães da Areia*, com a finalidade de apresentá-la resumidamente ao leitor. Na terceira parte, aborda-se sobre o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA). Na quarta parte, estabelece-se um paralelo entre realidade e ficção a partir do referido romance amadiano e de dados apresentados em pesquisas atuais sobre a violação dos direitos das crianças e adolescentes na sociedade baiana. Na quinta parte, reservada às “(in)conclusões”, discorre reflexões globais sobre as ideias discutidas neste escrito.

Síntese da obra: Capitães da Areia, escrito por Jorge Amado

O romance *Capitães da Areia* narra a vida de menores entre a faixa-etária de 9 a 16 anos em situação de rua na cidade de Salvador-BA/Brasil, na década de 1930, os quais, devido à falta de assistência do núcleo familiar, do Estado e da sociedade, sobreviviam de infrações, como: furtos em famílias ricas da época e

turistas. Essas crianças e adolescentes eram conhecidas como o grupo *capitães da areia* e mantinham residência em um grande galpão abandonado, popularmente conhecido como *trapiche*, em frente ao mar.

No enredo do romance são narradas as infrações cometidas pelo grupo de infantes na cidade, principalmente tendo como alvo as famílias bem quistas na sociedade soteropolitana. Além disso, narra-se acerca da repressão social sofrida pelo grupo em situação de vulnerabilidade, a intolerância com a religião de matriz africana, a homossexualidade e a denúncia referente ao abuso do poder público, sendo problemas transpostos à literatura, uma que vez eram latentes na sociedade da década de 30. Esses pontos corroboraram, consoante a Assis Duarte (2004), com que a ditadura determinasse a incineração em praça pública de 808 exemplares do livro, conforme registrado no “Ato de Incineração” publicado em 1937 pelo Jornal do Estado da Bahia:

Aos dezenove dias do mês de novembro de 1937, em frente à Escola de Aprendizes Marinheiros, nesta cidade do Salvador e em presença dos senhores membros da comissão de buscas e apreensões de livros, nomeada por ofício número seis, da então Comissão Executiva do Estado de Guerra, [...] foram incinerados, por determinação verbal do Sr. coronel Antônio Fernandes Dantas, comandante da Sexta Região Militar, os livros apreendidos e julgados como simpatizantes do credo comunista, a saber: 808 exemplares de Capitães da areia [...] (Transcrito do jornal Estado da Bahia, de 17 - 12 - 37. (2004, p. 40)).

Evidencia-se que as denúncias sociais presentes no livro de Jorge Amado causaram grande impacto e, conseqüentemente, polêmica ao abordar sobre um grupo social esquecido pelo Estado e sociedade, pois, conforme Mendes (2020), “o autor tece uma crítica objetiva e detalhada, demonstrando que a sociedade é coadjuvante no que leva essas crianças ao crime e à marginalidade”.

Nos capítulos finais narra-se também a passagem dos principais membros dos capitães da areia para a vida adulta. Isso ocorre após a morte de Dora, a única garota do bando, que se juntou ao grupo após o falecimento de sua mãe. Conforme a obra, os personagens que compunham o grupo “Capitães da areia” foram traçando caminhos distintos: João Grande vira marinheiro, Volta-Seca se torna cangaceiro, Pirulito entra para uma ordem religiosa, Sem-Pernas se suicida

em uma fuga da polícia, Pedro Bala abandona o grupo para liderar os operários, assim como seu pai, e o Professor vira um famoso artista.

Estatuto da Criança e Adolescente (ECA): Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990

Em 13 de julho de 1990 houve a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, um dos principais avanços da legislação brasileira, iniciado desde a proclamação da Constituição Federativa de 1988, no que tange às garantias dos infantes. Neste documento, estão elencadas questões, como: os direitos fundamentais dos meninos e meninas com idade inferior aos 18 anos, as sanções quando estes cometerem um ato infracional, quais órgãos devem prestar assistência, e a tipificação dos crimes contra as crianças e adolescentes.

Dessa forma, o ECA versa sobre o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária para todas as garotos e as garotas, todos tratados, ainda, na Constituição Federal de 1988, no caput dos artigos 5º e 6º:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: (EC no 45/2004)

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (EC no 26/2000, EC no 64/2010 e EC no 90/2015)

Dito isto, evidencia-se que o estatuto supracitado tem como objetivo proteger os menores, sem distinção de cor, raça, crença ou classe social, seu desenvolvimento físico, mental, moral e social consoante aos princípios constitucionais da liberdade e da dignidade, preparando-os para o exercício da vida adulta, reconhecendo-os como indivíduos detentores de direitos e deveres, tendo em vista que são pessoas em desenvolvimento, os quais merecem proteção e prioridade absoluta do Estado, da família e da sociedade.

Ademais, considera-se o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 ser destinado a proteger os direitos elementares dos infantes e assegurá-los a

integridade física e mental e a não violação da sua dignidade humana, questões indispensáveis à organização social.

Contudo, há uma grande resistência de uma parcela da sociedade brasileira, a qual entende que tais responsabilidades são exclusivas do Estado e dos responsáveis dos meninos e das meninas, ocasionando, assim, na invisibilidade proposital das mazelas sofridas principalmente pelas crianças e adolescentes residentes nas periferias das cidades.

Realidade e Ficção: Capitães da Areia

59

(...) Dos diversos instrumentos do homem, o mais assombroso, sem dúvida, é o livro. Os demais são extensões de seu corpo. O microscópio, o telescópio, são extensões de sua vista; o telefone é extensão da voz; depois temos o arado e a espada, extensões de seu braço. Mas o livro é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação (Borges, 2011, p. 70).

A literatura, como toda a arte, reflete o contexto histórico, social e cultural vigente à época na qual foi produzida. Devido ao seu caráter mimético, ela faz uma releitura da realidade através da poesia, o que contribui para a formação do imaginário individual e social do ser humano.

De acordo Pelinser e Arendt (2009), “a literatura é um processo de identificação de determinada sociedade por meio de representações simbólicas presentes na história, que moldam a cultura e passam a ser por ela moldadas”. Dito isso, é possível afirmar que o imaginário dos indivíduos tem uma relação direta com a cultura, história e sociedade a qual ele está inserido, assim sendo, a obra literária, como parte de determinada cultura, é um dos suportes do imaginário multi e plurissignificativo das pessoas.

Em posse dos elementos encontrados na obra literária, o indivíduo vai construindo seu imaginário em uma relação inter e transdisciplinar, possibilitando um dialogismo com outras áreas do conhecimento humano e extrapolando o simples deleite, uma vez que leva o leitor a transcender da ficção para a realidade (Bakhtin, 2010).

Nesse viés da literatura como construtora do imaginário a partir de um contexto histórico-social, neste trabalho evidenciado pela conjuntura social dos anos 30 e dos dias atuais, coloca-se a importância dos sentidos, isto é, como as pessoas recebem as informações presentes nas obras literárias.

Ademais, Candido (2004) apresenta a literatura como uma ferramenta primordial para as necessidades fundamentais do homem, informa que com ela o indivíduo consegue fornecer sentido ao mundo à sua volta e a si mesmo. A literatura apresenta uma maneira de pensar e sentir, assumindo assim, três funções que atuam diretamente no ser humano, a primeira sendo uma função psicológica, tendo em vista a necessidade estrita envolvendo a capacidade e a carência que o homem tem em fantasiar, por exemplo, em idealizar sobre o amor e o futuro. A segunda é a função formadora, a qual está ligada à construção do homem, serve como instrumento de educação. A terceira é a função social, a qual trata-se da identificação do leitor com seu universo experienciado, isso ocorre quando o ser reconhece o mundo a sua volta quando se transporta para o mundo ficcional. Tais funções corroboram para o processo de humanização do homem, uma vez que humanizar é:

Um processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo, dos seres, o cultivo do humor (CANDIDO, 2004, p. 249).

A partir dessas ideias sobre umas das principais funções da literatura na sociedade, destaca-se o romance *Capitães da Areia*, obra do escritor baiano Jorge Amado, e sua contribuição para a formação do imaginário individual e social sobre as crianças e os adolescentes que sofrem/sofreram o abandono da família, do Estado e da sociedade.

De acordo com Candido (2004), o romancista baiano exprime, através da obra *Capitães da Areia*, o modo de consciência dos personagens e os modos de imersão destes no mundo particular de cada um, artifício importante para formação de uma consciência coletiva.

Durante a leitura da obra amadiana, na maioria das vezes, é inevitável não traçar uma relação entre ficção e realidade, pois o livro tem múltiplas ligações com a sociedade da década de 30 e dos dias atuais, a título de exemplo: a intolerância para com a religião de matriz africana e o tabu que cerca a relação homossexual.

Todavia, a presente pesquisa tem como objetivo discutir a violação dos direitos fundamentais das crianças e dos adolescentes em situação de vulnerabilidade socioeconômica na contemporaneidade, dando ênfase: à falta de

representação da figura materna, à invisibilidade dos infantes em situação de rua e/ou pobreza e à escassez de perspectiva das crianças e adolescentes que têm seus direitos violados.

Nos capítulos "Família" e "Dora Mãe", é possível perceber a carência dos infantes no que diz respeito ao afeto, ao cuidado dos pais e responsáveis acerca da presença da figura materna:

[...] Depois Sem-Pernas ficou muito tempo olhando as crianças dormirem. Ali estavam mais ou menos cinquenta crianças, sem pai, sem mãe, sem mestre. Tinham de si apenas a liberdade de correr as ruas. Levavam vida nem sempre fácil, arrojando o que comer e o que vestir, ora carregando uma mala, ora furtando carteiras e chapéus, ora ameaçando homens, por vezes pedindo esmola. (AMADO, 2009, p. 44).

61

Sem-Pernas é representado, em quase toda obra, como um garoto manco, dissimulado e rancoroso devido à sua condição de vida. Este personagem é responsável, em virtude de sua deficiência física, por se infiltrar na casa de famílias ricas e descobrir onde elas guardam seus pertences, e logo após passar a informação ao bando. No capítulo "Família", ele é apresentado com outras características emocionais, alguém que, ao ser tratado como um filho, entra em conflito interno: manter a lealdade aos seus amigos ou à família que lhe acolheu com tanto amor e carinho?

O narrador revela, no decorrer do capítulo, o personagem Sem-Pernas como o integrante do grupo que menos demonstrava capacidade de amar e receber amor do próximo, mas necessitava, na verdade, de cuidado, carinho e atenção. Essa necessidade de afeto é transferida, no capítulo "Dora Mãe", para todos os meninos do bando:

[...] ficavam todos juntos, inquietos, mas sós, todavia, sentindo que lhes faltava algo, não apenas uma cama quente num quarto coberto, mas também doces palavras de mãe ou de irmã que fizessem o temor desaparecer. Ficavam todos amontoados e alguns tiritavam de frio, sob as camisas e calças esmolambadas. Outros tinham paletós furados ou apanhados em latas de lixo, paletós que utilizavam como sobretudo [...] por que eram odiados assim na cidade? Eram pobres crianças sem pai, sem mãe. Porque que aqueles homens bem-vestidos tanto os odiavam? (AMADO, 2009, 95 -97)

Essa escassez de amor e carinho e a sensação de ser odiado por toda a cidade é sentida por todos os capitães de areia. Tal questão abre espaço para

discussões a respeito das escolhas feitas pelos adolescentes que cometem atos infracionais, como: as influências das circunstâncias que envolvem os infratores.

É evidenciado, ainda no capítulo “Dora Mãe”, que a garotada do trapiche à beira mar, precocemente lançada à vida adulta, sentia falta da figura materna, aquela desenhada pela sociedade para consolá-los e cuidá-los:

[...] E Dora, não. Não era de propósito. A mão dela (unhas maltratadas e sujas, roídas a dente) não queria excitar, nem arrepiar. Passava como a mão de uma mãe que remendava camisas do filho. A mãe do Gato morrera cedo. Era uma mulher frágil e bonita. Também tinha as mãos maltratadas, que esposa de operário não tem manicura. E era dela também aquele gesto de remendar as camisas de Gato, mesmo nas costas de Gato. A mão de Dora toca de novo. Agora a sensação é diferente. Não é mais um arrepio de desejo. É aquela sensação de carinho bom, de segurança, que lhe dava as mãos de sua mãe. Dora está por detrás dele, ele não vê. Imagina então que é sua mãe que voltou. Gato está pequenino de novo, vestido com um camisolão de bulgariana e nas brincadeiras pelas ladeiras do morro o rompe todo. E sua mãe vem, faz com que ele se sente na sua frente e suas mãos ágeis manejam a agulha, de quando em vez o tocam e lhe dão aquelas sensações de felicidade absoluta (AMADO, 2009, p. 175).

No início do trecho em destaque, como também em outras passagens da obra, nota-se que os garotos conheciam o sexo, ato praticado geralmente com as meninas do araiá, mas não havia o afeto materno. Por isso, com a chegada de Dora no bando, todos a cercam com interesse libidinoso, sendo protegida pelo Professor e, principalmente, João Grande. O primeiro dos capitães da areia a experimentar o sentimento maternal encontrado em Dora é o Gato, após pedi-la para costurar um paletó de casimira.

Ante o exposto, entra-se em discussão a necessidade que as crianças e os adolescentes têm da convivência familiar e comunitária. Em 1937, ano de publicação da obra analisada, os menores eram vistos como uma extensão de seus pais, família e comunidade, sendo assim muito recente a condição dada aos infantes de protagonista dos seus direitos.

Após a promulgação do Estatuto da Criança e Adolescente, os meninos e as meninas passam a ser tidos como sujeitos de direitos, não como objetos de direitos. Subjacente a esse reconhecimento, encontra-se, no ECA e na CF/88, a ideia que a convivência familiar e comunitária é essencial para o desenvolvimento deles/as.

Todavia, observa-se que esta garantia nem sempre é cumprida. De acordo com dados do ano de 2020 apresentados pela Defensoria Pública do Estado da

Bahia, obtido a partir da análise de processos de execução referente ao cumprimento da medida socioeducativa de internação de adolescentes na CASE masculina, 159 meninos, e CASE feminino, 28 meninas,

[...] em relação ao núcleo familiar, 46% dos adolescentes da CASE masculina moravam com a mãe e os irmãos e 28,6% das adolescentes da CASE feminina já estavam morando com companheiro ou companheira. A ausência dos genitores foi confirmada em muitos casos, mais precisamente na vida de 54 meninos e 17 meninas (DPE/BA, p. 12, 2020).

Percebe-se, com base nos dados quantitativos demonstrados, muitos adolescentes baianos, os quais cumprem medida socioeducativa sem a convivência familiar e comunitária. Em analogia ao romance amadiano, demonstra que há uma relação intrínseca entre as crianças e os adolescentes da ficção e da realidade, isto é, os capitães da areia ainda são reais, apesar dos avanços nas legislações de proteção aos infantes.

Ademais, outra problemática encontrada no livro em destaque é a invisibilidade dos menores em situação de vulnerabilidade. No início da obra, são expostos noticiários da época referente às infrações cometidas pelos adolescentes, em um deles, publicado no *Jornal da Tarde*, é possível notar como a sociedade neutraliza essa problemática. “Os relógios badalavam às três horas da tarde e a cidade abafada de calor quando o jardineiro notou que algumas crianças vestidas de molambos rondavam o jardim da residência do comendador. O jardineiro tratou de afastar da frente da casa aqueles incômodos visitantes” (Amado, 2009, p. 4).

A situação de precariedade das crianças e dos adolescentes causa incômodo nas pessoas, mas elas não estão dispostas a resolver, preferem “afastar” essa questão da sua vista, afinal, na cultura brasileira, cuidar dos menores é responsabilidade exclusivamente da família, cabendo ao Estado apenas legislar. Há, nos cidadãos, um sentimento de isenção de culpa da situação de extrema pobreza dos adolescentes, principalmente àqueles em situação de rua, entretanto, de acordo ao artigo 4º do ECA,

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (ECA, 1990, p. 16).

Diante disso, fica nítido que é obrigação de todos que compõem a sociedade entender e cumprir com as garantias dos infantes. Além disso, é, de

acordo com o ECA, inaceitável o silêncio dos cidadãos ao ver quaisquer violações dos direitos dos menores, pois configura, mesmo inconscientemente, a concordância com o ato de injustiça.

Em outra passagem é retratada a normalidade da desigualdade social, pois observar uma criança e/ou um adolescente pedindo alimento, roupa e ou bebida tornou-se natural:

Capitães da Areia. Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. Mas, no entanto, eram bons, uns eram amigos dos outros. Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa, nem pai, nem mãe, a vida deles era uma vida sem ter comida certa e dormindo num casarão quase sem teto. Se não tudo aquilo morreriam de fome, porque eram raras as casas que davam de comer a um, de vestir a outro. E nem toda a cidade poderia dar a todos (AMADO, 2009, p. 25).

A condição dos adolescentes que precisam trabalhar de maneira a violar o estabelecido no ECA e/ou furtar para sobreviver não deve ser tida como normal, mas como violação dos direitos fundamentais daqueles que estão em fase de desenvolvimento.

Outrossim, constata-se que as crianças e os adolescentes que têm seus direitos fundamentais violentados não apresentam uma perspectiva de vida favorável, ou seja, elas, com base em sua condição atual, não acreditam nelas mesmas:

Professor baixou a cabeça: - Deixa de Ser besta, Bala. Tu sabe que do meio da gente só pode sair ladrão... Quem é que quer saber da gente? Quem? Só ladrão, só ladrão [...] (AMADO, 2009, p. 138).

Nesse diálogo entre o Professor e Pedro Bala é perceptível a falta de perspectiva de um futuro com outra condição de vida. Contudo, considerando a situação atual daqueles menores, isto é, sem estímulo e com momentos apenas de tristeza, verifica-se que é normal essa falta de visão de um futuro satisfatório, todavia, ainda é inadmissível.

Por fim, evidencia-se que, apesar de existirem leis específicas para a garantia dos direitos e deveres de todas as crianças e adolescentes, é fundamental a participação ativa de todos os indivíduos para a melhoria da situação das crianças e dos adolescentes na sociedade baiana. Para tanto, é necessária a conscientização das pessoas, a construção de um imaginário social de combate à violação das garantias dos menores, o que é possível através da literatura,

conforme exposto e discutido neste trabalho com base no romance *Capitães da Areia* especificamente.

(In)Conclusão

Compreende-se, neste artigo, a obra literária como um fenômeno ligado diretamente à vida social, uma vez que a literatura não é uma criação independente, elaborada através da vontade e do “instinto” do seu criador. Ou seja, ela surge dentro de um contexto, em determinada região e certa época, o que influencia em seu caráter social coletivo.

Diante o exposto, enfatiza-se que, assim como os menores da obra amadiana, os da vida real também estão sem perspectivas de uma chance de vida digna, essas crianças e adolescentes ficam sem conhecer qual a real alegria de ser apenas crianças e adolescentes respeitados e dignos.

Em síntese, conforme Hatoum (2009), o livro *Capitães da Areia* contribui para a construção de pensamentos sociais referentes aos menores abandonados no cenário brasileiro, pois “mergulhar em seu conteúdo colabora, portanto, para a compreensão mais ampliada dos significados que têm sido atribuídos às crianças e aos adolescentes ao longo da história no Brasil” (Hatoum, 2009, p. 57).

Antonio Candido apresenta, em muitos dos seus escritos, a literatura na perspectiva de um bem incompressível, ou seja, um direito fundamental para a sobrevivência humana. O referido autor, nos permite compreender os direitos humanos sobre duas óticas: garantir a sobrevivência física em nível decente e assegurar a integridade espiritual dos indivíduos. Para ele, a literatura baseia-se numa espécie de necessidade universal de ficção e fantasia, que de certo modo é coextensiva ao homem, uma vez que aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. De acordo com Candido (2004), as obras literárias possuem uma função humanizadora, como algo que exprime o homem e depois atua na sua própria formação, isto é, ela contribui, de maneira que não tem como medir, para a formação da personalidade humana.

Por fim, ressalta-se a importância da literatura para a formação de uma compreensão da sociedade que todas as crianças e os adolescentes necessitam de um ambiente que lhes assegure seu desenvolvimento na esfera intelectual, moral, humana e física para posterior cumprimento da cidadania e convívio social.

Referências

- AMADO, J. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.
- BORGES, J. L. **Borges, Oral & Sete Noites**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- Relatório sobre o perfil dos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas nas Cases Salvador - BA. **Defensoria Pública do Estado da Bahia**. - 1ª ed. - Salvador: ESDEP, 2020.
- DUARTE, E. de A. **Jorge Amado**: leitura e cidadania. In: AMADO, 2004, p. 39-50.
- HATOUM, M. **A cidade ilhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MENDES, J. A Infância Esquecida: uma análise da obra Capitães da Areia de Jorge Amado. **Revista de Letras - Juçara**, v. 4, n. 1, p. 406-420, 2020. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2268>. Acesso em: 20 jul. 2024.
- PELINSER, A. T.; ARENDT, J.C. No oco sem beiras: notas sobre a loucura e a angústia de Sorôco. **Travessias**, v. 4, n. 3, p. 268-279, 2010. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4613>. Acesso em: 20 jul. 2024.